



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

CHICA DA SILVA AND THE MYTH OF RACIAL DEMOCRACY FROM THE ROMANCES OF PAULO AMADOR AND JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

Mestre em História Social (2015) e Graduado em História (2011) pela Universidade Estadual de Montes Claros. Atualmente, cursa Especialização em Mídias na Educação (UFJF) e segunda graduação em Direito (Unimontes).

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

Graduando em Psicologia pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (FIP-Moc).

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar a partir das obras literárias *Rei Branco*, *Rainha Negra* (1971) de Paulo Amador e *Xica da Silva* (1976) de João Felício dos Santos como o romance interracial da ex-escrava Chica da Silva e do poderoso contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira no século XVIII no arraial do Tejuco nas Minas Gerais é tomado como exemplo da democracia racial brasileira. As obras de Paulo Amador e João Felício dos Santos entendem a união de João Fernandes de Oliveira e Chica da Silva como um sinal da tolerância existente entre brancos e negros, e de como as relações raciais que se desenvolviam no Brasil eram brandas e suaves, sem tensões, sob os auspícios de uma pretensa democracia racial que encobria o preconceito, como uma violência lancinante sobre a mulher negra. Dessa forma, este artigo busca contribuir para a identificação de preconceitos, estereótipos e idealizações na construção das representações desta mulher mineira, bem como na investigação da produção de identidades femininas na literatura e no processo de desconstrução dessa identidade que não é natural nem imutável.

Palavras-chave: Chica da Silva; Democracia Racial; História; Literatura.

ABSTRACT

This study investigated from literary *Rei Branco*, *Rainha Negra* (1971) Paulo Amador and *Xica da Silva* (1976) João Felício dos Santos as interracial romance of former slave Chica da Silva and powerful contractor of diamonds João Fernandes de Oliveira in the eighteenth century in the camp of Tejuco in Minas Gerais is taken as an example of racial democracy. The works of Paulo Amador and João Felício dos Santos understand the union of João Fernandes de Oliveira and Chica da Silva as a sign of tolerance existing between whites and blacks, and how race relations that developed in Brazil were affable and soft without tensions under the auspices of an alleged racial democracy that covered prejudice, as violence that falls in the black woman. This article seeks to contribute to the identification of prejudices, stereotypes and idealizations in the construction of representations of this woman from Minas Gerais, as well as in the investigation of the production of feminine identities in the literature and in the process of deconstruction of this identity that is neither natural nor immutable.

Keywords: Chica da Silva; History; Literature; Racial Democracy History.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 A IDEOLOGIA DA DEMOCRACIA RACIAL; 2 PAULO AMADOR E A VISÃO ROMÂNTICA DE CHICA DA SILVA: HEROÍNA NEGRA DAS GERAIS; 3 A CHICA COM “X” DO ROMANCE DE JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS, UM ESTEREÓTIPO DELICIOSO DE MULHER, A “MULATA CORDIAL”; 4 PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS: INTERSEÇÃO POSSÍVEL; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

De acordo com Furtado¹, Chica da Silva nasceu escrava entre os anos de 1731 e 1735 no arraial de Milho Verde e viveu no diamantífero arraial do Tejuco por 29 anos, entre os anos de 1750 a 1779, data última do seu falecimento. Sua vida se vê intrínseca à do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira com o qual manteve um relacionamento assente, do qual resultou 13 filhos. Chica conseguiu alforria e logo buscou mudar os rumos de sua vida, auferindo bens, tornando-se senhora de escravos, buscando comportar-se como um membro da elite tejuicana. A ex-escrava mostrou desvelo pelos filhos, não medindo esforços para educá-los e inseri-los positivamente em uma sociedade excludente, demonstrando também devoção no seguimento dos preceitos católicos. Como personagem literária Chica da Silva, foi apropriada por diversos romancistas que imprimiram nela valores distantes dos setecentos mineiro, mas que dizem muito do momento de escrita dos literários.

Objetivou-se através desta pesquisa analisar a partir dos romances *Rei Branco*, *Rainha negra*² (1971), de Paulo Amador, e *Xica da Silva*³ (1976), de João Felício dos Santos, aspectos do mito da democracia racial lançados sobre a relação colonial da ex-escrava Chica da Silva e o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira nas Minas Gerais no século XVIII. Tal artigo é uma adaptação de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado “Chica/Xica da Silva caleidoscópica: Intercurso entre História e Literatura nas representações do mito em romances de Agripa Vasconcelos e João

¹FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²AMADOR, Paulo. *Rei branco, rainha negra*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971.

³SANTOS, João Felício dos Santos. *Xica da Silva*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

Felício dos Santos” apresentada ao Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) que foi financiada pela agência de fomento CAPES.

O *corpus* documental desta pesquisa é composto por obras literárias. Fonte profícua para pesquisadores que buscam impressões de vidas, valores, anseios, sentimentos humanos e, no caso deste trabalho, representações sobre a figura feminina que é repleta de significados. Isso não seria possível sem o advento da História Social e Cultural e da História das Mulheres, que retiraram das fímbrias da memória aspectos importantes do universo feminino. Ressalta-se que no estudo das representações literárias se “[...] requer, necessariamente, a interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais”⁴. Dessa forma, analisamos as respectivas obras em observância ao seu momento de feitura.

Neste trabalho, as fontes que serão utilizadas são obras literárias que, ao serem confrontadas com leituras bibliográficas, deixam emergir não só o momento social que lhes serve de panorama, mas os perfis femininos até então representados. Debruçando sobre a literatura e a história, buscou-se compreender através do conceito de “representação” do historiador Roger Chartier o desenho feito de Chica da Silva por Paulo Amador e João Felício dos Santos que criaram ao gosto dos seus respectivos tempos imagens para essa mulher setecentista, pois as representações falam “sempre das razões e sensibilidades do presente de sua criação”⁵.

O romance inter-racial de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira nos permite refletir sobre a construção do mito da democracia racial no Brasil. Teoria essa que encobre a discriminação racial praticada sobre o negro, ao afirmar que o Brasil é o país do “não-racismo” em decorrência da própria mistura de raças.

⁴ FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 83.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.30, 2002, p. 57.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

1 A IDEOLOGIA DA DEMOCRACIA RACIAL

Segundo a ideologia da democracia racial, o Brasil seria um paraíso étnico regido pelo igualitarismo entre as raças, dessa forma o próprio negro seria culpabilizado pela sua própria miséria, como diz criticamente George Andrews.

Se os negros fracassaram em sua ascensão na sociedade brasileira, evidentemente, isso foi por sua própria culpa, pois essa sociedade não reprimiu nem obstruiu de modo algum o seu progresso. A realidade continuada da pobreza e marginalização dos negros não era vista como uma refutação da idéia de democracia racial, mas sim como confirmação da preguiça, ignorância, estupidez, incapacidade etc., o que impedia os negros de aproveitar as oportunidades a eles oferecidas pela sociedade brasileira⁶.

A ilusão de uma democracia racial disfarça um conflito entre as raças existente, dessa forma, essa ideologia não passa de um procedimento dissimulatório que encobre a discriminação ao afirmar que as oportunidades são iguais para todos.

No que remete à ligação estabelecida entre as raças (branca e negra), a teoria da democracia racial apropriou-se do exemplo da relação colonial de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira, projetando-a para o cenário nacional brasileiro, como o grande modelo de convivência cordial e harmônica que se dava no Brasil entre as raças, que encobria assim uma relação díspare que muitas vezes se dava entre a negra e o seu senhor, que na realidade brasileira era comumente transformada em objeto sexual em decorrência de um nefasto legado patriarcal. No que remete à mulher negra, a democracia racial dissimulou uma realidade de exploração de cunho sexual e racial, ao pretensamente afirmar que as relações coloniais entre os senhores e suas escravas eram suaves e amenas.⁷

No que tange ao discurso dos doutrinadores sobre o tema, disserta Élide Rugai Bastos que

o mito da democracia racial [...] foi germinado longamente na história do Brasil através de afirmações que apontavam o tratamento concedido ao escravo como:

⁶ ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru – SP, Edusc, 1998, p. 210.

⁷ FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 22-23.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

“suave”, “cristão” e “humano” e [que] só vai ganhar sentido e objetivar-se com a Abolição e a implantação da República⁸.

Entretanto “o [mito] da democracia racial, [foi] desenvolvido [...] nos anos de 1920 e 1930, quando se tenta superar o trauma da escravidão negra incorporando de modo positivo os afro-descendentes ao imaginário nacional”⁹.

Muitos estudiosos apontam a Gilberto Freyre a cunhagem desta ideologia ou depreendem a partir de sua obra que o autor trata dessa questão de maneira especial. Dentre esses, cita-se Marcos Chor Maio que expõe que “a controvertida crença numa democracia racial à brasileira [...] teve no sociólogo Gilberto Freyre a mais refinada interpretação”¹⁰. Assim como ratifica Lilia Moritz Schwarcz que “a propalada idéia de uma democracia racial [foi] formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre”¹¹.

Em sua obra *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre consegue abrandar a relação que se engendra entre brancos (senhores) e negros(as), escravos(as), pois, em sua famosa obra, o autor destaca que “desde logo salientamos a doçura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maior no Brasil do que em qualquer outra parte da América”¹². Gilberto Freyre apresenta o cenário escravocrata de maneira idílica onde as austeras injustiças de uma sociedade escravista aparecem mitigadas por uma pretensa miscigenação racial e cultural que apagaria os conflitos existentes entre as raças e que possibilitaria aos negros(as) buscar nivelar-se aos brancos livrando-se de um determinismo de casta, escamoteando assim a discriminação racial lançada sobre o negro(a).

De acordo com Clóvis Moura, essa miscigenação biológica e cultural apresentada por Gilberto Freyre não se trata de uma autêntica democracia racial, pois, segundo o mesmo autor,

⁸ BASTOS, Élide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In. Maria Angela D’Incao (org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Unesp. 1987, p. 147.

⁹ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho. In. SOUZA, Jessé (org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília, Universidade de Brasília. 2001, p. 398.

¹⁰ MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**. São Paulo, vol. 14, n° 41, out. 1999, p. 144.

¹¹ SCHARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: Fernando A. Novais, (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 178.

¹² FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963, p. 393.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

A verdadeira democracia racial consistiria em uma sociedade poliética e policultural, onde a miscigenação se desse como um processo natural, sem interpor uma hierarquia de tipos que partiria de uma meta ideal – o branco puro – até o mais afastado dela – o negro. A forma nobre e desinteressada com que elaborou sua obra, seria uma das causas que impediram Gilberto Freyre de verificar que o preconceito racial existente no Brasil deriva, pois, da nossa formação histórica e constitui uma evidente herança portuguesa. Nós o recebemos da mesma forma que recebemos a língua, a religião, os hábitos e os costumes daqueles que nos colonizaram, o papel de senhores sobre uma população negra escravizada, tal preconceito conseguiu criar raízes profundas e difíceis de serem extirpadas¹³.

Não há dúvidas de que a falsa democracia racial, ao ser projetada sobre a estrutura social brasileira, mascara a discriminação racial existente e dificulta o seu combate, já que essa ideologia promove uma despolitização dos negros(as) os fazendo crer que não existe conflito, os impedindo de tomar medidas abertas com vistas a melhoria de suas vidas, como aponta Levy Cruz, que a propagação da ideologia da democracia racial “foi uma forma de enganar negros e mulatos, levá-los a crer que tudo estava na melhor situação possível, criando um imobilismo total e assim, desviar a atenção deles das lutas e reivindicações para mudanças”¹⁴. É sobre o manto da ilusória democracia racial que se esconde uma “ambiência racial”¹⁵ que seria a discriminação pela raça que se faz presente nas instituições, seja familiar, escolar, no trabalho, na vida rotineira através de piadas e conversas fortuitas, nos preconceitos e estereótipos propagados pela televisão que são internalizados por negros(as) mestiços(as) os fazendo construir um autorretrato pouco afirmativo de si.

A história de Chica da Silva foi sendo constantemente apropriada como símbolo da democracia racial, principalmente por romancistas que viam na trajetória da ex-excrava que virou rainha ao manter um relacionamento com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, branco e português, um sinal da benignidade existente entre as raças. Mesmo nos romances que se dizem mais isentos de preconceitos, ao representar Chica da Silva, como é o caso do romance *Rei Branco, Rainha Negra* produzido pelo diamantinense Paulo Amador, a personagem é tomada como exemplo para se poder afirmar que as relações entre brancos e negros não foi tão áspera como se

¹³ MOURA, Clóvis. **O negro – de bom escravo a mau cidadão**. Rio de Janeiro: Conquista, 1987, p. 70.

¹⁴ CRUZ, Levy. Democracia Racial, uma hipótese. **Trabalhos para Discussão**. Recife, n°128, 2012, p. 06.

¹⁵ VIEIRA, Harrison de Carvalho. **Democracia racial no Brasil**: uma análise entre a realidade jurídica e a realidade de fato. Universidade Estadual de Montes Claros, 2004. Monografia de Direito, p. 03.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

imagina ser e que podem ter sido minimizadas pelo afeto e pelo puro amor que brotaria entre os indivíduos de raças diferentes.

Chica da Silva é uma personagem histórica setecentista, que foi se metamorfoseando ao longo do tempo, já que teve a sua imagem e personalidade adaptada principalmente por romancistas que projetaram sobre a personagem perspectivas e valores de outros tempos, assim, Chica da Silva se modernizou. Sabe-se que as representações construídas sobre Chica da Silva entram num campo de luta em que cada autor busca destacar a sua representação, ao sobrepujar as já existentes e ao conciliar elementos novos com os estabelecidos. Para melhor compreender as lutas de representação em torno da figura de Chica da Silva, temos que retornar a década de 1970, momento esse que Chica da Silva seria apropriada e ressignificada diferentemente por dois autores, Paulo Amador e João Felício dos Santos, assim, percebe-se que as representações sobre Chica da Silva permitem entender rupturas como continuidades acerca das imagens produzidas sobre a mulher. A partir do conceito de representação, pode-se entender como um texto “[...] autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos”¹⁶, pois o texto fundador de Joaquim Felício dos Santos¹⁷ sobre Chica da Silva embora apreendido por autores de uma mesma década, recebeu novos usos e releituras plurais e concorrentes, já que “[...] a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade”¹⁸. Pois, em uma sociedade heterogênea, os indivíduos lutam pelo poder simbólico de representar e autenticar determinados pontos de vista, aspectos sociais e imagens sobre a mulher como é o caso deste trabalho.

¹⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 186-187.

¹⁷ Joaquim Felício dos Santos foi o primeiro a representar Chica da Silva no século XIX nas suas *Memórias do Distrito Diamantino*. Se as representações são determinadas pelos movimentos sociais, políticos e culturais que emergem na sociedade, o relato fundador de Joaquim Felício dos Santos cria uma representação de Chica da Silva marcada pelo período histórico em que esta imagem foi concebida. Para construir essa representação, Joaquim Felício dos Santos respaldou-se em depoimentos de moradores locais, em informações apreendidas nos autos processuais em que esteve envolvido enquanto advogado dos sucessores de Chica da Silva e principalmente nas suas concepções e convicções particulares, que devem ser entendidas como pontos de referência para o entendimento de sua época, já que as representações enquanto “[...] percepções do social não são de forma alguma discursos neutros” (CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 17). Assim, Joaquim Felício dos Santos sob os suportes de valores europeus e cristãos como também pelas suas preferências pessoais desenha a imagem de Chica da Silva como uma mulher feia, desprovida de encantos, boçal e grotesca, já que, no seu momento de escrita mulheres escravas e negras eram desvalorizadas.

¹⁸ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 183.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

2 PAULO AMADOR E A VISÃO ROMÂNTICA DE CHICA DA SILVA: HEROÍNA NEGRA DAS GERAIS

Os romances de Paulo Amador¹⁹ e João Felício dos Santos foram escritos numa mesma década, embora motivados por diferentes perspectivas e influenciados por ideologias distintas, mas tendo os seus pontos de confluência. No ano de 1971, Paulo Amador lançava o seu livro *Rei Branco, Rainha Negra*. Nesse romance, a história é relatada pelo Padre Rolim, colocado como narrador que tem como incumbência expor as “[...] principais trincheiras nessa guerra de resistência, em que avultou a coragem da generala Chica da Silva”²⁰. Nessa obra literária, Chica da Silva não seria representada como a negra rude e ignorante assim como apresentou Joaquim Felício dos Santos. Mas, como uma mulher alfabetizada e entendida, de aguçada sensibilidade, com dotes de espírito para a apreciação das artes, além de um forte senso de justiça e solidariedade que a levava a defender e libertar os escravos.

Por todo o País se comentava o poder e o fascínio da Rainha negra, que dominara o coração do homem mais rico do mundo, e que estabelecera, no coração do Brasil, um império de homens de todas as raças, gente que vinha de todos os cantos do planeta para se abrigar sob o manto protetor de Chica e do Contratador. O Tejuco, sob Chica, acabara por se tornar território livre, o primeiro lugar em nosso continente onde os negros conseguiam adquirir não só o modo de vida dos brancos, mas sua cultura. Em poucos anos os negros começariam a suplantarem os brancos nos mais

¹⁹ Como coloca-nos Constância Lima Duarte, Paulo Amador “nasceu em Diamantina, em 15 de dezembro de 1944” (DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 310). Acrescenta-se que “estudou no célebre Seminário Lazarista de Diamantina, que formava padres e políticos, e por onde também passou Juscelino; no colégio Leopoldino Miranda, em Belo Horizonte; na Faculdade de Direito da UFMG e na Faculdade de Direito Cândido Mendes, do Rio de Janeiro. Ainda na faculdade, começou a trabalhar no mercado de comunicação. Foi jornalista de O Estado de Minas, na revista Veja, e na TV Itacolomy, em Belo Horizonte; e em O Jornal, O Globo, Manchete, Fatos e Fotos e Tendências, no Rio de Janeiro. Já publicou cerca de 15 livros, entre ficção, crítica, ensaios e história. O primeiro – Cascos de tartaruga para o exército inglês – de contos, foi publicado pela Editora Comunicação, de Belo Horizonte, em 1976, foram sementes para outros livros, como Os leões estão cercados (1978); O pastor (1971); Quem matou Buck Jones?; BR-259; Grau zero (1978); Do retrato de Vargas à Carta de Brasília: 50 anos de Fenaseg (2001), entre outros. Em 2007 [...] foi o grande vencedor do Prêmio Nacional de Literatura da Cidade de Belo Horizonte, com o romance Bom poeta, mau elefante.” (DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 310) Também “entre as diversas premiações que recebeu, estão o Prêmio União Brasileira de Escritores, Prêmio do 1º Concurso de Contos Eróticos de Status, Prêmio Remington de Literatura, Prêmio José Lins do Rego e Prêmio Guararapes, entre outros. Atualmente reside em Copacabana, Rio de Janeiro” (DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 310).

²⁰ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 21.

variados modos de produção de arte, como a música, em que, sob a proteção de Chica, já vinha se destacando um mulato genial, José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. Professor em casa de Chica, Lobo de Mesquita compunha, para execução no Arraial, umas missas de grande riqueza de massas de sons, que o povo aplaudia, embora achando um tanto extravagantes. Ele dava aulas, compunha, e dirigia uma orquestra de músicos negros, que Chica mantinha em seu castelo na Palha. Foi a primeira escola de música de nosso Arraial, e um dos centros de maior importância no desenvolvimento dessa belíssima arte na capitania das Minas Gerais²¹.

Na obra de Paulo Amador a união amorosa de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira foi regada por uma pureza afetiva e por um valoroso sentimento de entrega mútua. Envolvidos por este amor romântico, os enamorados transcenderam as fronteiras das convenções sociais, preconceitos e determinações normativas para amarem-se virtuosamente, sem os descomedimentos de uma relação incendiada de luxúria e concupiscência. Sendo assim, essa aliança marcada pela reciprocidade amorosa ganha possibilidades de ser sacramentada. Pois a própria Chica da Silva na história reinvidica a condição de esposa.

Chica pedia que se casassem. Não havia problema de pele ou de sangue. O Padre Marques havia esclarecido tudo. Na Bíblia não havia condenação ao casamento entre raças diferentes. E tinha dito que, se fosse esta a vontade de João, tomá-la por esposa, a Igreja não poderia se opor²².

Chica da Silva como uma “[...] mulher extraordinária que sonhou com a liberdade de seu povo [...]”²³ foi concebida na obra como a grande responsável por injetar no Padre Rolim os princípios de igualdade e liberdade que o fariam abraçar posteriormente as idéias da Conjuração Mineira. Pois “Chica nos dava uma lição de liberdade, e os quatro futuros inconfidentes prestavam atenção [...]”²⁴, uma vez que “[...] o que haveríamos de perseguir como ideal, não seria exatamente aquilo de que Chica falava? Um modo de liberdade que fosse tão amplo e tão alto quanto o céu [...]”²⁵, e a rainha

²¹ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 159.

²² AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 122.

²³ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

²⁴ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 75.

²⁵ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 75.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

negra ainda anunciava com intrepidez que “[...] o sangue de brancos e negros é igual. Que o céu dos negros é o mesmo céu dos brancos²⁶”.

O jornalista e escritor Paulo Amador nasceu em Diamantina e morou no bairro Arraial de Baixo. Sobre tal porção territorial escreve Constância Lima Duarte que:

A cidade tinha um bairro chamado Arraial de baixo, o quarteirão dos pretos, antiga passagem para as minerações ao tempo do Distrito diamantífero. Lá viveu Paulo Amador, em contato com seus vizinhos, gente pobre, sofrida, mas orgulhosa, combativa, bem-humorada²⁷.

Foi nesse bairro onde Paulo Amador passou a sua meninice “[...] no meio dos negros, gente sólida honrada, silenciosa e cheia de reflexão, cujos antepassados viveram e resistiram a duzentos anos de sofrimentos, preconceitos, chibata e tronco²⁸”. O referido autor faz o seguinte questionamento na capa do seu livro *Rei Branco, Rainha Negra* em uma edição no ano de 1990: “Seria mesmo Chica da Silva a devoradora de homens que tirava a calma das famílias do velho Tejuco?²⁹” Paulo Amador responde que não, pois é

[...] partidário do ponto de vista segundo o qual a história do Brasil teria sido construída pelo povo. Em seu romance, Chica da Silva representaria o povo brasileiro, até então ausente dos livros de história. Mulher, negra, pobre, inteligente, corajosa e extraordinária, assumiu a responsabilidade por seu destino e assim ajudou a fundar um novo Brasil³⁰.

Paulo Amador na década de 1990, em uma nova edição do seu livro, busca refutar o discurso construído por João Felício dos Santos sobre uma Xica da Silva, que sempre se encontra em alegre disponibilidade sexual, incorporando a mulher fornicária. Já que, como diz Paulo Amador, “Porque era negra, teve sua glória reduzida à lenda menor de uma sexualidade grotesca, e assim atravessou

²⁶ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971, p. 109.

²⁷ DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 310.

²⁸ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, p. 07.

²⁹ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, capa do livro.

³⁰ FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 281-282.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

mais de duzentos anos de história, ficção, mentira³¹”. E como prossegue o mesmo autor “os livros sobre Xica da Silva têm um ponto comum: o preconceito. Por causa dele, Xica tem sido de tudo. A caricatura grotesca da amante do Contratador [como] a cortesã capaz de matar sua própria gente”³² aqui a alusão primeira é feita à obra de Joaquim Felício dos Santos que segundo Paulo Amador não “escapou ao pecado de chamá-la [Chica da Silva de] “negra boçal”, cunhando para a posteridade um retrato impiedoso, que a imaginação do povo se incumbiria de retocar³³”. A segunda menção crítica vai para o romance de Agripa Vasconcelos que lapidou a imagem de uma Chica da Silva cruel e truculenta, verdadeira encarnação da maldade que friamente matava aqueles que estavam no seu derredor. Dessa forma, o autor se diz mostrar “[...] uma outra Xica da Silva. A verdadeira, em sua totalidade³⁴”. Vale aqui ressaltar que são através das “[...] representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles³⁵”. No processo existente de lutas por afirmar representações, Paulo Amador busca contestar as representações já existentes de Chica da Silva, mostrando que a sua está mais ancorada à “verdadeira” realidade da personagem, intencionando assim obter uma hegemonia para a sua representação. Assim é o campo das representações sociais, arena de lutas, em que os indivíduos e os poderes tentam influir sobre os imaginários, dando préstimo a algumas representações, elementos, características e depreciando as que se opõe, pois trata-se de um choque de forças entre valores novos e antigos que buscam a legitimidade social.

3 A CHICA COM “X” DO ROMANCE DE JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS, UM ESTEREÓTIPO DELICIOSO DE MULHER, A “MULATA CORDIAL”

Na linha do chamado romance histórico, a obra ficcional de João Felício dos Santos *Xica da Silva* de 1976 mostra-se reveladora de representações femininas que dizem muito mais do tempo de escrita da obra do que do tempo em que se busca retratar. Como um homem inserido no seu tempo,

³¹ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

³² AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

³³ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

³⁴ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

³⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 183.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

as imagens criadas por João Felício dos Santos desvelam a realidade do período em que foram imaginadas e da sociedade que as concebeu.

Diferentemente do seu predecessor e tio-avô, o célebre memorialista Joaquim Felício dos Santos que descreve Chica da Silva com aspecto físico desagradável, João Felício dos Santos na década de 1970 reabilita a aparência de Chica da Silva a exornando com muita beleza, esbanjando graça e sensualidade em seu romance.

O modo como o sujeito histórico constrói estas representações é influenciado pela sua posição sócio-cultural³⁶. Assim, cabe a perquirição: Quem foi João Felício dos Santos?

João Felício dos Santos nasceu na cidade de Mendes no Estado do Rio de Janeiro no ano de 1911 vindo a falecer em 13 de junho de 1989 no mesmo Estado. Foi topógrafo, publicitário, funcionário público federal e jornalista sendo que, neste último ofício atuou por longa parte de sua vida, e os seus primeiros escritos datam de 1938³⁷. A compreensão da vida do autor permite compreender as relações de forças, já que “podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”³⁸.

João Felício dos Santos é contemporâneo de Gilberto Freyre e ao observar o contexto de formação do romancista na década de 1930 e ao analisar a sua obra literária percebe-se a influência da ideia sobre a mulher negra e sobre a miscigenação que circulavam naquele contexto de lançamento e discussão da obra de Gilberto Freyre.

Para melhor analisar a obra literária de João Felício dos Santos é necessário ter conhecimento de suas influências literárias e estéticas, como o do seu círculo intelectual e literário. E um expoente da literatura que fez parte do círculo de amigos de João Felício dos Santos e que tem características similares a ele no seu estilo literário foi o romancista Jorge Amado, cujo contato era feito principalmente por missivas.

³⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 17.

³⁷ João Felício dos Santos “é autor de uma obra vasta na qual se destacam romances, contos, poesias, literatura infantil, livros técnicos, argumentos e roteiros cinematográficos e o desenvolvimento de enredos carnavalescos” (SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 239)

³⁸ ORLANDI. Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

João Felício dos Santos passa a ser intensamente influenciado por um imaginário coletivo construído sobre as mulheres negras e mulatas³⁹ na produção cultural literária brasileira, e os seus romances apresentam uma demasia de representações preconceituosas, idealizadas e estereotipadas sobre a afetividade e sexualidade das personagens negras e mulatas assim como nas obras literárias do seu amigo Jorge Amado, que defendia que no Brasil havia um modelo harmonioso de relações afetivo/sexuais inter-raciais, pois, como afirmou o escritor em entrevista dada ao jornal “O Estado de São Paulo”: “Meu país é uma verdadeira democracia racial...⁴⁰”. Porém, por detrás do manto da democracia racial se escondia o preconceito e a fria exclusão social que pesava sobre as mulheres negras e mulatas.

Jorge Amado foi um escritor que através de seus romances construiu uma fantástica atmosfera regional, através de muito bom humor, espontaneidade e fluência descritiva. Jorge Amado foi amigo de João Felício dos Santos e ambos são influenciados pela mesma cultura de tipificação da mulher, em particular da mulher negra que remetem a obra de Gilberto Freyre.

³⁹Utilizamos no corpo do artigo a expressão “mulata” por ela ser amplamente utilizada por João Felício dos Santos e pelas significações que esse termo traz para o romance *Xica da Silva*, pois, o estereótipo da mulata “tão centrado no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixa visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade” (DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Londrina, v 17-A, dez. 2009, p. 06-07), pois “como é sabido, os termos mulata e mulato derivam de mulo e mula, animais híbridos, fruto do cruzamento de cavalo e jumenta (ou égua e jumento), e, não nos esqueçamos, animais estéreis.” (DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Londrina, v 17-A, dez. 2009, p. 12) Dessa forma, inúmeros literários brasileiros perpetuaram preconceitos ao descreverem as suas personagens mulatas que por uma forte discriminação racial na literatura não concederam as suas mestiças o direito de serem mães. Assim, na literatura, por mais que a mulata faça sexo, ela sempre se situa distante da fecundação e por mais intensas que sejam as atividades sexuais da mulata, delas não resultam a gravidez e a maternidade. E *Xica da Silva* não é exceção a essa regra, pois, ao encarnar o estereótipo da mulata sensual, ela passou a carregar consigo um erotismo vulgar e um corpo infértil, assim como outras tantas mulatas famosas da literatura brasileira que não foram mães, dentre elas cita-se: Vidinha (ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1969), Rita Baiana (AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Liv. Martins Ed, 1969), Jini (ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed, 1960), Gabriela (AMADO, Jorge, *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo. Liv. Martins Ed. 1969), Ana Mercedes (AMADO, Jorge, *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Martins, 1970), Isaura (GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1969) e Maria Olha de Prata (SANTOS, João Felício. *João Abade*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. 1958).

⁴⁰ QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de Cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975, p 112.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

Em seus romances históricos⁴¹, João Felício dos Santos buscou expor importantes etapas da história brasileira, “[...] como o ciclo minerador, a chegada da família real portuguesa, a Inconfidência Mineira, a Guerra dos Farrapos e resgata personagens que se tornaram célebres – Xica da Silva, Carlota Joaquina, Aleijadinho, Anita Garibaldi, Calabar, entre outros”⁴². Muitos desses personagens foram transportados para a narrativa fílmica pela expressividade de suas biografias romanceadas: “[...] os livros Xica da Silva; Carlota Joaquina; Ganga Zumba (premiado pela Academia Brasileira de Letras) e Cristo de Lama foram adaptados para o cinema⁴³”. No romance de João Felício dos Santos, Chica da Silva agora com “X” é descrita como uma mulata voluptuosa e libertina, imagem essa que tem fortes ligações com a própria conjuntura sócio-histórica de escrita da obra literária, a década de 1970. Momento histórico de forte inquietação política e cultural permeado por mobilizações libertárias com o desejo de uma maior liberação sexual que prometia “sacudir a velha moral, o velho mundo pudico, autoritário, patriarcal, arcaico⁴⁴” e que progressivamente fazia desvanecer a velha armadura social que defendia uma imagem normatizada para a mulher como casta, assexuada e abnegada ao lar. João Felício dos Santos na década de 1970 concedeu à Chica da Silva a “alforria sexual”, transformando-a na mulata fatal, luxuriosa e amoral. Essa imagem é reveladora de como o mito de Chica da Silva se moderniza de acordo com os valores dos diferentes períodos históricos, como também torna visível uma posição masculina machista que através da linguagem cria uma representação feminina sexualizada e racializada.

O romance é protagonizado pela escrava Xica da Silva, que vive como mucama do Sargento-Mor no arraial do Tejuco nas Minas setecentistas. Encarnando o estereótipo da “mulata boa”, Xica da Silva através de sua beleza, graça e talentos eróticos, ganha o coração do homem mais poderoso do Distrito Diamantino, o contratador João Fernandes de Oliveira. Dele recebe a alforria, poder, um

⁴¹Entre os muitos títulos que publicou, destacam-se: João Abade, de 1958; Ganga Zumba de 1962; Carlota Joaquina, a rainha devassa, de 1968; Ataíde, azul e vermelho, de 1969; Xica da Silva, de 1976; A guerrilheira, o romance da vida de Anita Garibaldi, de 1974; Insurreição de Queimado, s/d; Quilombo, de 1984; Cristo de Lama, s/d; entre outros (DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 203).

⁴²SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 239.

⁴³SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 239.

⁴⁴ GUILLEBAUD, Jean-Claude. “A consolação da revolução sexual”. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Org.). **Rebeldes e contestadores – 1968**: Brasil, França, Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 1999, p. 176.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

grande Palácio e até mesmo um lago artificial com uma galeria. Porém, a Corte Portuguesa é avisada sobre irregularidades no contrato e dos gastos exorbitantes de João Fernandes e manda um fiscal, que prende o contratador. Xica da Silva termina a história pobre, tendo que novamente usar o seu corpo e o sexo como meios de barganha. Na obra de João Felício dos Santos, o romance inter-racial entre Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira foi utilizado com o intuito de reafirmar que o território brasileiro é livre de preconceitos raciais, já que “o mito de Chica da Silva tem sido utilizado para sustentar a alegação de que, no Brasil, os laços de afeto e as relações físicas entre brancos livres e mulheres de cor abrandaram a exploração inerente ao sistema escravista em face do concubinato⁴⁵”.

Na obra literária de João Felício dos Santos, Xica da Silva é sempre alvo das investidas sexuais masculinas, ficando impressa no romance a condição da mulata como corpo disponível destinado ao prazer, livre de responsabilidades e compromissos.

Também fica evidente no referido romance a naturalização da mulata Xica da Silva para as coisas do sexo, como se ela trouxesse em sua essência um erotismo exacerbado e um desejo sexual desmesurado, que segundo o autor trata-se de uma herança biológica africana, como fica claro nos trechos: “solteira de fêmea, ergueu-se num ímpeto quente bem da raça africana”⁴⁶ e “- Xica forçava o amante nos descaminhos rasgados do sexo florido na raça estrumada na África⁴⁷”. No extrato textual acima, percebe-se tanto a associação da volúpia exagerada da personagem com a sua origem africana, quanto a vil conotação dada a raça africana como “estrumada”, ou seja, próxima ao estrume. Xica da Silva não tinha somente a “cor do pecado”, trazia no seu sangue, na sua genética, uma predisposição para o sexo como indica o fragmento do texto em que a mulata

[...] em pleno exercício de excitação, *com a singular habilidade trazida no sangue*, e desde muito cedo despertada sozinha, *para fazer transbordar o instinto africano*, tremendamente privilegiado no se renovar indefinido a cada extenuação, coisa que só ela sabia transformar de novo em labaredas de fogo⁴⁸.

⁴⁵ FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 23.

⁴⁶ SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 14.

⁴⁷ SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 81.

⁴⁸ SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007, p. 108, grifo nosso.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

Segundo Ovídio de Abreu Filho, “o sangue se liga a transmissão genética e de qualidade morais, e é formador do corpo e do caráter”⁴⁹, dessa forma, os excessos sexuais de Xica da Silva são explicados biologicamente como se estivesse contida no DNA da mulata a falta de freio ao sexo, pois parte da herança genética de Xica da Silva é africana e como já dizia Gilberto Freyre, “passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual”⁵⁰.

4 PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS: INTERSEÇÃO POSSÍVEL

Paulo Amador e João Felício dos Santos presentificaram Chica da Silva na década de 1970, reabilitando-a da caricatura da ‘trigueira boçal’ impressa por Joaquim Felício dos Santos, porém inspirados por posturas ideológicas próprias. Paulo Amador, como um diamantinense ufanista, tenta revalorizar um mito local que se tornou nacional. Já que Chica da Silva foi um dos poucos mitos femininos coloniais, mas que nasceu negativo. Porém, “como as visões da história mudam ao longo dos tempos, alguns personagens podem ser execrados durante décadas, mas tornam-se valorizados pelas gerações seguintes”⁵¹. A visão de Paulo Amador sobre Chica da Silva vai ao encontro da inserção de novos valores na sociedade brasileira que vão sendo projetados pelo movimento negro na década de 1970 que busca organizar-se no combate ao racismo em múltiplas frentes de batalha como a literatura. Pois

Certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros,

⁴⁹FILHO, Ovídio de Abreu. Dona Beija: análise de um mito. In: FRANCHETTO, Bruna. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Vol. 3. p. 92.

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa grande senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: José Olympio, 1987, p. 371.

⁵¹ GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lucia; Almeida, Anita Correia Lima de Almeida. **Para conhecer Chica da Silva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007p. 76.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado⁵².

Na literatura, o movimento negro buscou modificar a visibilização do negro ao desfazer estereótipos tão reiterados pelos autores. Paulo Amador buscou ressaltar “[...] novas qualidades à Chica, afastando-a dos estereótipos extremos em que a inseriram: ou boçal ou devoradora de homens⁵³”. À luz dos anos de 1970, Paulo Amador assim como fez o movimento negro, passou a conferir à personagem histórica a função de redentora dos negros e de sua raça, atribuição essa dada à Chica da Silva sem base histórica. Na contracorrente de Paulo Amador, encontra-se João Felício dos Santos que também inserido na década de 1970, mas relativamente respaldado na nova ideologia da revolução erótica que buscou libertar a mulher de velhos costumes que pesavam sobre os seus ombros, passou a reafirmar estereótipos e imagens desrespeitosas da mulher negra ao fazer Chica da Silva encarnar uma representação já existente no imaginário social da mulata sensual e voluptuosa. Porém, vale ressaltar que ambas as obras têm um ponto de convergência, a afirmação do mito da democracia racial. Pois Paulo Amador afirma que a história de Chica da Silva “[...] acabaria por criar em Diamantina a primeira democracia racial do mundo [...]”⁵⁴, já que se tratava de “mulher incomum, protegeu as artes, *inventou a democracia racial*, lutou contra a opressão⁵⁵”. Tal constatação demonstra que a relação entre as raças, engendrada por Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira, vem sendo retomada por literários que dão a esse relacionamento uma atmosfera romântica e idealizada com o intento de asseverar que as relações inter-raciais no Brasil foram isentas de preconceitos de cunho racial o que passa a encobrir sobre a mulher negra e escrava uma dura realidade de dominação e opressão que poucos escritores buscam retratar.

A mestiçagem também é tomada como um sinal notório da pretensa democracia racial brasileira, e mais uma vez o romance de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira foi utilizado para evidenciar a efetivação dessa democracia entre as raças, manifestada na suposta falta de preconceito racial por parte do branco pela negra, que o levaria a integrar-se a ela, “convém ressaltar

⁵² SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010, p. 13.

⁵³ FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 278.

⁵⁴ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro.

⁵⁵ AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990, contra capa do livro, grifo nosso.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

que a mestiçagem entendida como sinônimo de democracia racial pressupõe uma fábula amorosa entre senhor branco e escrava negra que nega a violência e estruturação do ato⁵⁶”. O romance entre Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira no período setecentista mineiro foi tomado por ideólogos, romancistas, estudiosos para provar que “as incursões sexuais do português sobre a escrava eram reconhecidas como prova da ausência de preconceito do branco. A mestiçagem era representada como expressão do estreitamento nas relações raciais⁵⁷”. Entretanto, como observa Petrônio Domingues,

A tendência inata do português a uniões com negras era um engodo. No transcorrer de toda escravidão, o abuso sexual da escrava era norma na conduta do senhor. Daí a origem de todo processo de miscigenação. Os contatos de absoluta intimidade não anulavam a relação de intolerância do branco e de subalternidade do negro, no interior de um sistema marcado pela opressão racial⁵⁸.

CONCLUSÃO

Como uma vestidura larga que encobre aquilo que não quer se mostrar, a democracia racial escondia uma exploração como uma livre violência praticada contra a mulher negra escravizada pelo colonizador/senhor/branco. Mais precisamente no estudo de caso de Chica da Silva nota-se que a democracia racial funciona como uma densa cortina de fumaça, que torna mais difícil de perceber os estereótipos negativos que vão sendo atribuídos à personagem, como o da mulata lasciva de sensualidade permissiva, imagem essa de grande aceitação popular, principalmente numa sociedade que, sob a égide dos princípios da democracia racial, acreditava ser cordial⁵⁹ e sem tensões inter-

⁵⁶ PRAVAZ, Natasha. **Gilberto Freyre e a mulata: mestiçagem e diferenciação no pensamento brasileiro**, s/a, p. 448. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7135.pdf>>. Acesso em: 17 de Abril de 2014.

⁵⁷ DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889 – 1930). **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, v. 10, n° 10, p. 124, 2005.

⁵⁸ DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889 – 1930). **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, v. 10, n° 10, p. 124, 2005.

⁵⁹ Trata-se aqui de uma referência ao conceito de “Homem Cordial” presente na obra *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006). Quando tentou descrever “o homem cordial” brasileiro, Sérgio Buarque dizia que a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados pelo meio rural e patriarcal. A partir daí, Cassiano Ricardo, no livro *O homem cordial*,



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

raciais como a brasileira, inclusive conhecida internacionalmente como o “paraíso das mulatas”⁶⁰ em decorrência de um forte imaginário erótico elaborado em torno da mulher mestiça que precisa ser desconstruído.

A benquerença e a afeição de Chica e João transcenderam os estigmas da cor e da escravidão, mas não devem ser encarados como um retrato nítido de uma democracia racial que afirmava que num país miscigenado como o Brasil não poderiam ter práticas racistas, que brancos e negros tinham as mesmas possibilidades e que as relações inter-raciais entre brancos e negros eram harmoniosas e livres de conflitos, sendo o caso amoroso de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira entendido como um grande exemplo desta benignidade existente entre as raças. Porém, a democracia racial escamoteia através do mito desse Bom Senhor Branco para a sua cortês escrava mulata a violência, exploração e discriminação exercida sobre a mulher.

Se as representações sobre Chica da Silva são perpassadas por permanências e mudanças, continuidades e inovações, a ideologia da democracia racial vem sendo um elemento recorrente associado à história da ex-escrava tejuca, um lastro conservador, que muitos autores como Paulo Amador e João Felício dos Santos buscam conjugar com outras novas ideologias que surgem à luz do seu tempo.

REFERÊNCIAS

extrapolou e partiu para a caracterização da *cordialidade* brasileira, mas termina por fazer um elogio da fraqueza de caráter, da ambiguidade e da esperteza misturadas com uma visão utópica, idealista e falsa desse homem, como também o vê em *Martim Cererê* e em outras obras suas (SANT’ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 44).

⁶⁰Sobre esta constatação escreve em artigo de forte inclinação foucaultiana Mariana Selister Gomes: “[Sobre] o saber de que o Brasil é o paraíso das mulatas, [entende-se] que esta identidade [...] foi construída historicamente em relações de poder colonial, patriarcal e de biopoder, nas quais gênero e raça foram utilizados como dispositivos de saber-poder. Os conflitos atuais, protagonizados por movimentos feministas e negros, em torno dessa identidade permitem desnaturalizá-la e buscar os indícios de sua construção. Os indícios da construção do Brasil como paraíso das mulatas estão na carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, e seu imaginário colonial de paraíso, no livro *Casa Grande e Senzala*, de 1933, e seu imaginário de mestiçagem positiva, nas imagens do marketing turístico de 1970-90 e seu incentivo ao turismo sexual, entre outros locais possíveis de enunciação desse saber-poder” (GOMES, Mariana Selister. A construção do Brasil como Paraíso das Mulatas: do imaginário colonial ao marketing turístico. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, p. 01. 2009).



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1969.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Tenda dos Milagres**. São Paulo: Martins, 1970.

_____. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo. Liv. Martins Ed. 1969.

AMADOR, Paulo. **Rei branco, rainha negra**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1971.

ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru – SP, Edusc, 1998.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Liv. Martins Ed, 1969.

BASTOS, Élide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In: Maria Angela D’Incao (org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Unesp. 1987, p. 140-150.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1989.

CRUZ, Levy. Democracia Racial, uma hipótese. **Trabalhos para Discussão**. Recife, n°128, p. 01 – 17, 2012.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889 – 1930). **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, v. 10, n° 10, p. 117 – 132, 2005.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Londrina, v 17-A, p. 06 - 18, dez. 2009.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Mariana Selister. A construção do Brasil como Paraíso das Mulatas: do imaginário colonial ao marketing turístico. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, p. 01 – 10. 2009.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lucia; Almeida, Anita Correia Lima de Almeida. **Para conhecer Chica da Silva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006.

FILHO, Ovídio de Abreu. Dona Beija: análise de um mito. In: FRANCHETTO, Bruna. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Vol. 3. p. 76 – 107.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: José Olympio, 1987

_____. **Casa Grande e Senzala**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. “A consolação da revolução sexual”. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Org.). **Rebeldes e contestadores – 1968**: Brasil, França, Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho. In. SOUZA, Jessé (org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília, Universidade de Brasília. 2001, p. 387-414.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1969.

MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**. São Paulo, vol. 14, nº 41, p. 141 – 158, out. 1999.

MOURA, Clóvis. **O negro – de bom escravo a mau cidadão**. Rio de Janeiro: Conquista, 1987.

NASCIMENTO, Vinicius Amarante. **Chica/Xica da Silva Caleidoscópica: Intercurso entre História e Literatura nas representações do mito em romances de Agripa Vasconcelos e João Felício dos Santos**. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2015. Dissertação de Mestrado.

_____; CALEIRO, Regina Célia Lima. Chica/Xica da Silva: Representações do mito na memória de Joaquim Felício dos Santos e no romance de João Felício dos Santos. **AEDOS: Revista do corpo discente do PPG- História da UFRGS**, Porto Alegre, v.7, n.16, p. 441-464, jul. 2015.

ORLANDI. Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.30, p. 56 - 75. 2002.



CHICA DA SILVA E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A
PARTIR DOS ROMANCES DE PAULO AMADOR E JOÃO
FELÍCIO DOS SANTOS

VINÍCIUS AMARANTE NASCIMENTO

TAFFAREL RAMIRES FERNANDES

PRAVAZ, Natasha. **Gilberto Freyre e a mulata**: mestiçagem e diferenciação no pensamento brasileiro, p. 445 – 450. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7135.pdf>>. Acesso em: 17 de Abr. 2014.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. **Preconceito de Cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile**. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed, 1960.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS. João Felício dos. **Xica da Silva**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007.

_____. **João Abade**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

SCHARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: Fernando A. Novais, (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 173-244.

SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010.

VIEIRA, Harrison de Carvalho. **Democracia racial no Brasil**: uma análise entre a realidade jurídica e a realidade de fato. Universidade Estadual de Montes Claros, 2004. Monografia de Direito.

Recebido em: 14/02/2018 / Aprovado em: 06/07/2018